QUARTA FEIRA 13 DE MARÇO DE 1872

Assigna-se e vende-se em casa do sr. Joaquim José Vieira da Rocha, na rua do Souto n.º 41.

Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte, á redacção do FUTURO, rua do Souto n.º 41.

Escriptos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos; e os de responsabilidade devem vir reconhecidos.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno 1$200 rs. — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno 1$500 rs. — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Annuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO. . . 30 rs.

1.º ANNO — PUBLICA-SE ÁS QUARTAS FEIRAS — NUMERO 52

BRAGA 12 DE MARÇO DE 1872

Nós somos o que devemos ser e não o que querem que sejamos.

Encaramos impavidos, ainda que jovens, como o valente guerreiro, no campo das batalhas os horrores de Marte, o tremular d'uma bandeira, que não é nossa, hasteada em campo aberto; porém rala-se-nos o coração, cortam-se-nos os fios da alma, e no peito coa-se-nos triste magua, quando se nos depara uma bandeira de furta-côres, onde, a titulo de *moderação* e *prudencia*, a verdade, o direito e a justiça são reduzidas á triste condição de miniaturas mesquinhas.

Que não chegue á mansão dos mortos; que lá não entre nenhum d'esses programmas bastardos em que seus auctores immolam os principios immutaveis no altar das conveniencias individuaes!...

Se aos Portuguezes d'antiga tempera fosse dado surgirem do sepulchro, e verem, entre os seus descendentes, homens que venderam, por um prato de lentilhas, os direitos da sua primogenitura, despresando assim uma herança adquirida por elles á custa dos mais asperos azares e rudes fadigas, tornariam a sumir-se no tumulo, e morrer segunda vez de vergonha!

¿Homens não sei se indecisos por timidez, se indulgentes por calculo, se moderados por hypocrisia; julgaes que está segura a vossa consciencia, e quitte com Deus, quando vos conservaes de braços cruzados diante das opiniões oppostas, alguma das quaes hade ser a causa dos males que nos roem as entranhas; e no momento em que tendes, de vós para vós, que toda a lucta entre principios deve terminar por mutuas concessões?

Enganaes-vos: moderados devem de ser todos os homens; mas a moderação pára nas pessoas, e não se estende ás ideias; e quem transigir com estas, quando más, ou as proclamar neutras, não merece outro nome, á vista do que nos diz a historia, senão o de sceptico ou indifferente.

Firmes e inabalaveis nos dogmas politicos, que são a base da prosperidade d'uma nação, como nos dogmas religiosos, fundamento do culto a Deus devido, devemos ser intransigentes com o êrro, inimigos até de todos os principios que não os nossos, embora sejamos tolerantes, amigos até das pessoas que os professam, quando a utilidade publica não exija o sacrificio d'este amor, puramente pessoal.

Vêr nos partidos, que mutuamente se gladiam, sómente os principios e nunca os homens, eis o que constitue uma das mais sublimes qualidades do coração humano — a prudencia ou moderação. Cumpre porém não perverter o sentido grammatical e historico da palavra partido: da sua má interpretação vem o êrro dos que dizem afoutamente, como se tivessem do seu lado a razão e a suprema clareza, que «a religião não tem politica»; e por tanto que «um catholico o póde ser sem que pertença exclusivamente a este ou áquelle partido».

Acabemos d'uma vez para sempre com as illusões; *não podem dar-se partidos sem haver dogmas fundamentaes, que sirvam de base e premissas d'onde se deduzem as consequencias, tanto theoricas como praticas, que constituem a verdadeira vida dos partidos; por isso que estes sendo partes da sociedade, devem, como esta, ter uma vida propria, e não fluctuarem na dependencia dos acontecimentos, ou pessoas, que passam com a rapidez do raio.*

De maneira que a qualquer reunião de homens, mais ou menos numerosa, só porque militam debaixo de certo e determinado chefe; ou porque concordam em algumas ideias praticas e de administração, não se póde dar o nome de partido politico, mas antes o nome de bandos, facções etc.

¿Serão pois, indifferentes á Religião esses dogmas fundamentaes, verdadeiros laços indissoluveis que hão-de ligar os homens entre si, debaixo do pensamento d'um supremo auctor, creador e legislador de todos?

Será; mas então não digaes que a Religião é a base unica da sociedade!

E, descendo agora um pouco da theoria á pratica, dizei-nos, onde um codigo politico que tanto tenha, não digo respeitado só, mas encarnada em si a ideia religiosa, como aquelle que servira de berço ás monarchias legitimas, e depois de estimulo e incentivo para as suas grandezas moraes e materiaes? Emquanto a nós não precisamos mais do que abrir a historia, e ahi veremos que no espaço de quasi oito seculos, foram os principios monarchico-legitimos que nos tornaram felizes e respeitados em todo o mundo.

Logo, as questões da politica, no sentido rigoroso d'esta palavra, estão, não em coisas arbitrarias, em puras ambições, dependentes da vontade d'um ou mais homens, mas em principios immutaveis e eternos, reflexo grandioso da Divindade; e de tal modo ligados com a religião que se não póde defender ou atacar uma sem que se defenda ou attaque a outra.

Ou haveis de riscar da philosophia e da moral o caracter absoluto e universal das ideias de direito e justiça; ou então confessardes, ainda que mau grado vosso, que o direito e a justiça não deixam de o ser por se traduzirem tão bem em factos nacionaes como em factos particulares.

Ora se não é vedado, antes ás vezes dever, ao homem pugnar pelos seus direitos ou conservação d'elles, como é que nos não assiste o poder, senão obrigação, de pugnar, não pelo direito individual só, mas pelo direito nacional?

Dizeis que «a Religião não tem nada com a politica»; n'esse caso separaes completamente a Egreja do Estado e este póde dizer áquella: tambem a Politica não tem nada com a Religião.

Eis aqui aonde nos leva similhante doutrina; nada mais e nada menos que ao falso e desastroso principio — a Egreja livre no Estado livre!

Doutrina mil vezes mais perigosa que os principios de 93, em toda a sua acção, porque se não destroe, deixa destruir; e longe de edificar, impede que se edifique: sacrifica ao êrro, julgando adorar a verdade; consolida o mal, aborrecendo-o; perdem a sociedade, querendo salval-a.

Força é que digamos a verdade; não podemos ter paz emquanto conservarmos em silencio os principios que unicos, nol-a podem dar; não temos ordem e estabilidade emquanto pertendermos harmonisar o bom com o mau; não teremos justiça nem direito, emquanto que se proteger o bem e o mal.

Quereis que sejamos catholicos só e não legitimistas? exigis um impossivel; porque *hoje* só os representantes legitimos d'uma monarchia christã, é que não estão de mãos dadas com a revolução; porque o mesmo Catholicismo outra coisa não é que a expressão do direito e da justiça, quer sejam individual quer socialmente considerados.

Somos Catholicos, apostolicos Romanos; e como taes olhamos para o nosso Chefe, actualmente Pio IX o Grande, e seguimos, quanto o permittem nossas debeis forças, seu exemplo de constancia e firmeza; e Pio IX soffre, e é perseguido, não tanto como Pontifice, mas como Rei; isto é, por ser o unico e legitimo representante do direito de soberania com relação aos Estados Romanos

Os campos estam discriminados: não ha meio termo; ou seguir a Revolução, ou estar com a Egreja; e a Egreja reconheceu sempre como a mais natural aos povos e amiga da Religião, a fórma monarchico-legitima.

Não exijam, pois, de nós o que não devemos ser, isto é, catholicos só no nome; mas sim o que elles realmente não querem que sejamos, isto é, Catholicos em tudo.

O sr. Fontes explicando a riqueza publica pelo imposto!

De puro cansaço do espirito e do corpo, na analyse das leis esfoladoras, largamos a penna, em o numero anterior d'esta folha; porém, não aconteceu o mesmo nos trabalhos do seu fabrico no parlamento baixo.

Ahi ordenou o sr. Fontes aos seus servos que trabalhassem com toda a actividade, que dessem toda a força á machina legislativa, que apagassem a voz nas fauces áquelles que quizessem fazer brilhaturas, ou que por algum resto de consciencia tivessem dó dos contribuintes; que, depois de feita a tarefa, descançariam á vontade, ou talvez iriam descançar para caza.

Debalde, pois se cançam em representar á camara dos deputados os individuos e corporações, a quem taes leis ameaçam tosquiar de todo; porque os deputados, marchando a passo de carga, não se dignam abaixar os olhos sobre os seus constituintes. nem mesmo se lembram que estes constituem o povo soberano.

E' tal a pressa com que correm os *mandatarios da nação*, que de muitos dos representantes e protestantes, se póde dizer que quando chegarem as suas representações e protestos, já acharão os projectos transformados em Leis, e consummado o facto iniquo da expoliação do paiz.

Verdade é que o sr. Fontes, e o seu rebanho bem se recordam, e com terror, da *janeirinha*, e por isso aproveitando a vinda do imperador do Brazil a Lisboa, reforça-se de tropas, a titulo d'uma parada, de nosso microscopico exercito, na imperial presença.

A imprensa independente está na brecha combatendo, e nós, para não faltarmos á nossa promessa, concluiremos hoje as reflexões sobre as propostas de lei esfoladoras, emquanto é tempo.

Continuemos, pois, a nossa improba tarefa, e occupemo-nos da 4.ª proposta.

A proposta de lei n.º 4 sujeita á tabella A annexa, á tabella A da lei de 30 de julho de 1860, que comprehende as profissões, industrias, artes e officios que não pódem formar gremio.

As taxas das 8 classes industriaes, e 6 ordens de terras da tabella B da citada Lei, ficam substituidas pelo quadro annexo á presente lei. A parte 2.ª e 3.ª da mesma tabella B da citada lei, tambem fica substituida pela parte 2.ª e 3.ª da tabella B annexa a esta Lei.

No artigo 3.º fazem-se alterações, transferindo-se da 3.ª classe para a 2.ª os bacalhoeiros—da 5.ª para a 4.ª os capellistas—modistas—da 6.ª para a 5.ª os ourives d'oiro e prata—da 7.ª para a 6.ª os fabricantes d'objectos de cobre; e da 8.ª para a 7.ª os tendeiros (vendeiros de viveres por miudo).

E nos numeros subsequentes, addicionam-se industrias, a diversas classes; bem como nos artigos seguintes apertam-se as malhas da rede, para que nada escape por ellas sem ser tributado, ou sem se augmentar a taxa do imposto, apertando o torniquete quanto possivel seja:

Este imposto já era de si bastante oneroso, porém com a transferencia das classes transborda e vae de foz em fóra.

Vamos a um exemplo, tomado aqui n'esta nossa cidade de Braga, que pertence á 3.ª ordem territorial: — A taxa da 3.ª classe é de 35:000 rs. sóbe para a 2.ª, que é de 40:000 rs.—paga, portanto, mais 5:000 rs. A 5.ª é de 16:000 rs. sóbe para a 4.ª, que é de 25:000 rs.—paga mais 9:000 rs. A 6.ª é de 9:000 sóbe para a 5.ª, que é de 16:000 rs.—paga mais 7:000 rs. A 7.ª é de 4:000 rs. sóbe para a 6.ª, que é de 9:000 rs.—paga mais 5:000 rs. A 8.ª é de 1:000 rs. sóbe para a 7.ª, que é de 4:000 rs—paga mais 3:000 rs.

A este augmento não presidiu o senso commum, e sómente um capricho estollido; porque ninguem dirá que aqui se guardou proporção alguma, nem se tomou uma base regular para o imposto; e não podemos adivinhar qual o motivo porque na ultima classe se quadruplicou o imposto, e na penultima se augmentou mais que o duplo; e nas outras se augmentou o tributo ao acaso?

Não podemos realmente achar explicação para tantos dislates; e isto em plena regeneração, como quem diz em caudalosa enchente de sciencia e consciencia regeneratoria.

A proposta de lei n.º 5, abole todos os privilegios d'isenção d'impostos concedidos a estabelecimentos bancarios, sociedades companhias etc, e impõe aos seus dividendos, desde o primeiro de janeiro de 1872 em diante, 10 por cento; e ainda mesmo aos estabelecimentos estrangeiros, em relação ás operações, e transacções n'este reino; de que só exceptua, a divida fundada, credito predial, e o rendimento dos predios tributados já.

Era justo que se desse a egualdade do imposto, para que não pezasse todo so-

---

FOLHETIM

O CAPELLAÕ DE LA ROVELLA

POR

Giulio Carcano

Traducção de João Azevedo.

(Continuado do n.º 52)

II

Alexandre, apenas sahiu do quarto de sua filha, entrou no pequeno gabinete; folheou um masso de cartas, releu algumas com attenção e sentou-se depois a escrever. De tempo a tempo levantava a cabeça com ar inquieto, e applicava o ouvido para escutar o que podesse ouvir no quarto de sua filha, pouco distante d'aquelle em que elle estava; mas apenas ouviu na extremidade do corredor, que dava para a escada, as vibrações agudas e sonoras de um de seus monumentaes relogios de caixa, no qual um mocho annunciava as horas, ultimo vestigio talvez dos antigos senhores da aldeia.

Alexandre continuou a escrever. Depois lacrou algumas cartas, mas releu uma com mais attenção. Era concebida n'estes termos:

«Meu amigo,

«Desgraçadamente é preciso escrever-lhe o contrario do que dezejava. Tudo contraria os meus dezejos e não sei que especie de maligna influencia me persegue ha dois annos. Ha momentos na minha vida em que seria levado a acreditar que o mundo inteiro conspira contra mim. Bem sabe que no principio das fataes vicissitudes d'estes ultimos annos eu era rico, opulento e envejado: a má fé (a expressão não é demasiado forte) a má fé de um homem, que tinha em suas mãos meus creditos e meus capitaes, ha apenas um anno que deu um golpe a este edificio, a esta fortuna, que tanto me custou a levantar.

«Emprezas imprudentes e desgraçadas; emprestimos onerosos; baixa no credito publico, e vendas intempestivas reduziram meus bens talvez a ametade, no momento em que muitos outros realisavam fortunas collossaes, e se enchiam de ouro adquirido por todos os meios. Todavia isto não me afflige, porque posso viver com o que me resta, sem temer o porvir. Se o projecto vantajoso de que me tem entretido em suas cartas, relativamente a Clara podesse ajuntar a isto, eu não duvidaria de chegar áquellas condições de felicidade em que me achava anteriormente. Mil considerações, tanto moraes como materiaes, me empenhariam a acceitar, com olhos fechachados, o partido que me propoz para minha filha. Bem sabe que a ultima vez que nos encontramos na cidade, lhe prometti que antes do fim de setembro, teria arranjado este negocio á medida de nossos dezejos. Acreditava-me seguro de poder cumpril-os, não só pelo direito paternal, mas pela auctoridade do bom senso, e porque os medicos me tinham assegurado que minha filha recobraria a saude em uma união feliz e estavel. Agora porém confesso a inutilidade de todas as tentativas diante de minha filha: fallei, aconselhei, insisti; dez dias ha, que, a meu pesar, me compararei a um d'esses paes tyrannicos, que se encontravam ha dois seculos.

«Acreditará meu velho amigo, que, até hoje, os conselhos mais solidos, a persuasão affectuosa, expressão perfeitamente imperiosa de minha vontade, tudo emfim recuou diante da recusa de uma filha debil e melancolica, de sorte que quasi desespero de poder vencer o phantasma de uma saudade?,.. Pois é assim!

«Desde algum tempo, Clara parecia ter tomado vigor e saude, principalmente aquella alegria fugitiva que a caracterisava. Foi n'estes momentos que mais de uma vez me abalancei a fallar-lhe do nosso projecto. Trabalho perdido: ou se esquivava sob qualquer pretexto, ou chorando se lançava em meus braços, lembrando-me um sonho que diz ser mau, e a persegue ha dois annos.

«Escusado era contar-lhe estas minuciosidades; mas como conheço sua discripção, sua amisade affecto e prudencia, lhe direi francamente que esta fraca cabeça tem um tanto de romantica e sentimental; assim ha muitas cabeças fermentadas e muitos corações incendiados em amor por mil heroes emprovisados em um só dia, e que a dar-lhe credito deviam operar tantas e tamanhas coisas que... Mas deixemos isto e bastará saber que um mancebo amigo de meu filho, como elle generoso e extravagante, foi n'aquelle tempo apresentado em minha casa e breve captivou o coração de minha filha. Clara não fallava d'elle, mas, ouvindo pronunciar seu nome, coráva. Não admira, porque as primeiras affeições são quasi sempre o fructo de poeticos sonhos.

«O meu Alberto e este mancebo, ambos cheios de fogo, sinceros e prestes por nada a sacrificar tudo, fizeram o que os rapazes fazem n'este tempo. Partiram ambos para a guerra dispostos a morrer pela liberdade! Alberto e Julio — é este o nome do mancebo — amavam-se como irmãos, e póde dizer-se que eram dois rapazes de grande coração; antes de partir, o amigo de meu filho, com uma inteira franqueza me confiou o seu segredo mais caro, que me tinha sido facil adivinhar.

«Do mais que disseram na partida só direi que o enthusiasmo tocou o delyrio. Vencido pelas instancias e caricias dos dois rapazes, prometti a Julio de o abraçar quando voltasse, chamar-lhe filho e dar-lhe Clara. Não ignora o que depois aconteceu. Um anda fugitivo, o outro morreu; e eu acho-me aqui consolidando o pouco que me resta de minha fortuna, em uma idade muito avançada para a refazer, e acompanhado de uma filha doente de amor e sentimentalismo.

«Bastante terei dito para que me comprehenda e muito mais os motivos porque lhe escrevo hoje, afim de que em nada falle por emquanto, áquella pessoa que sabe, sobre o negocio que me tinha proposto. Entre tanto não rompa de todo a negociação e contente-se em entreter e contemporisar um tanto, fazendo de sorte que fique um porto aberto. Com o tempo não devemos desesperar de chegarmos ao complemento de nossas boas intenções; em fim, seja dito com franqueza entre nós — negociar até á morte —. Porém eu amo muito a minha Clara para lhe esconder as coisas e para sustentar com ella outra lingoagem que não seja a da verdade e da razão. N'este momento estou verdadeiramente preoccupado, pelo desfallecimento em que cahiu a pobre menina, esta mesma noite, ao voltar do passeio. Talvez que o ar da noite, um tanto frio, fizesse mal á sua debil organisação, ainda muito impressionavel.

«Amanhã mandarei procurar o medico, ainda que espero que isto seja um encommodo leve e passageiro. Cedo escreverei. Muito lhe peço para que brevemente me diga e ponha ao facto dos nossos negocios por uma carta que venha darme coragem, n'esta solidão.

Seu amigo

Alexandre».

Esta longa carta é bastante significativa para fazer o retrato do homem: muitas vezes bastam quatro linhas lançadas em um papel para nos dar a chave de um coração; para nos fazer conhecer uma vida.

Alexandre conservava ainda aos sessenta annos esta força imperturbavel de vontade e podia dizer-se absoluta, que dirige certos homens positivos, e que, se lhes não procura sempre uma verdadeira satisfação, parece muitas vezes alivial-os de incertezas e angustias reservadas ás almas que, suas esperanças e seus dezejos arrastam á eternidade. Sua familia, de origem franceza, tinha fixado sua residencia em Italia, havia mais de um seculo. Seu pae lhe ti-

bre a propriedade territorial, se o grande financeiro não fosse violar os contractos, com que os estabelecimentos de credito haviam sido fundados

Verdade é que

de minimis non curat pretor

e os estadistas regeneradores lêem pela cartilha do sr. D. Pedro d'Alcantara, e dos seus paladins ministeriaes, entr'elles o regenerador Aguiar, que pozeram os frades na rua roubando-lhes a sua propriedade, apesar da lei que lh'a garantia, bem como á Egreja. E se fossemos a enumerar exemplos d'estes, seria um nunca acabar.

O estabelecimento de maus primcipios, sempre produz consequencias terriveis, *in infinitum;* e nunca se violou impunemente um principio; porque é doctrina corrente que *abyssus abyssum invocat.*

A proposta de lei n.º 6 applica a disposição do § 2.º do art. 11.º da lei de 30 de julho de 1860 ás transmissões immobiliarias por arrematação, ou adjudicação em hasta publica.

A lei de transmissão é uma mina inexgotavel. Todos os annos é ampliada, e breve a teremos nas heranças de pae a filho, que de filho a pae já a temos. E' bem á maneira da corrente dos rios

acquirit vires eundo.

A proposta de lei n.º 7 divide a contribuição pessoal em contribuição de renda de caza, e contribuição sumptuaria; a 1.ª é elevada a 6 %, e a 2.ª é fixa, em quanto não a fazem subir.

Ambas são onerosas; porém a segunda é arbitraria, e sem proporção alguma.

Verdade seja que para quem quer gosar dos fructos e da sombra da tal frondosa arvore da liberdade livre, ainda lhe pedem pouco, deviam obrigal-os a pagar mais ainda.

Porém os velhos legitimistas que desadoram de tal arvore e de taes fructos e os jovens que teem medo d'ella; porque a sua sombra é letal como a da mancenilheira, grande peccado teem todos a expiar para serem compellidos a contribuir para engordarem os mandriões, que apoiados na quadrupla alliança, nos obrigam a supportar uma arvore tão pestilente e a gostar d'uns fructos tão amargos e venenosos.

A proposta de lei n.º 8 é para ser o governo auctorisado a alterar o systema de cobrança do imposto de lançamento e repartição, podendo ser differentes as epocas em relação á localidade; e para alterar a cobrança industrial e pessoal dividindo-a em 4 até 12 prestações, abatendo-se-lhe 3% se pagarem tudo na 1.ª

Isto é um rebuçado para moverem e attrairem as creanças—contribuintes. Se querem cobrança economica e a tempo sem vexame do contribuinte, deixem-se d'embofias, e voltem ao regimen anterior a 1834, que é mais perfeito e superior a tudo que liberais possam fazer e inventar para esse fim.

Verdade é que por esse regimen poupam-se os enxames de publicanos, e empregados de fazenda e de fisco, e isso faz falta para as eleições.

A proposta de lei n.º 9 fixa a contribuição predial relativa a 1872, no continente do reino, em 1.649:211$000 rs.

Sancto Deus misericordia!

Apresenta um mappa de repartição que lá lhes ha-de chegar. Pede auctorisação para tributar as ilhas a 8 %—continuando em vigor a contribuição predial extraordinaria de 24 d'agosto de 1869.

Andava o diabo ás soltas n'aquelle dia, e ainda não recolheu, nem recolherá, emquanto continuarmos a ser explorados pela conquista.

A proposta de lei n.º 10 addiciona ao imposto do real d'agua (imposto do consummo regeneratoriamente fallando) só arroz 10 rs. em kilo e azeite d'oliveira 10 rs. em litro—bebidas alcoolicas 30 rs. em litro—e vinho 5 rs. em litro. Manda que se pague á entrada das povoações (que terão recinto murado e uma nuvem de galfarros para vigiarem e guardarem); e que se possam avençar as camaras municipaes com o governo para a sua arrecadação, podendo pargar-se 20% nas povoações de mais de 3:000 habitantes.

Em janeiro de 1868 foram corridos os regeneradores em arvore seca por causa do imposto de consummo. Em 1870 dois annos depois, os avilistas para lhes prepararem o caminho, estabeleceram o imposto do consummo encapotado como o de real d'agua sobre poucos objectos; e no anno de 1872, o actual, mais dois annos depois, appareceram outra vez em scena os regeneradores, com o mesmo capote, e já carregaram mais a mão no consummo; e para lhes guardarem as costas reforçam a guarnição de Lisboa.

Este imposto é o mais immoral e anti-social que conhecemos; porque tributa os generos de primeira necessidade de que se alimenta o povo, e já se tem provado *ad sasietatem*, que o povo não póde nem deve pagar mais. O povo não deve morrer de fome, emquanto os mandões himpam de fartos.

E queixam-se de que o povo lhes seja desafeiçoado? Devem admirar-se de que seja paciente e soffredor, que de uma vez para sempre não os manda de presente ao diabo.

Todavia não é bom teimar, que ha um adagio popular que diz «tantas vezes vae o cantaro á fonte que lá fica».

Pois desde 1820 para cá tem havido revoluções todos os dias, em Portugal e por toda a parte, e continuam a teimar, «veem as barbas do visinho a arder, e não deitam as suas de molho?»

A proposta de lei n.º 11, tributa o sal em 10 rs. o litro Equivale a 700 por cento!!! E' o imposto mais immoral que ministro liberal tenha proposto a parlamento liberal, e que tenha de ser sanccionado por um rei liberal, e executado e cobrado por ministros e funccionarios liberaes!

Este peza sobre tudo nas classes desvalidas, e o pobre ver-se-ha obrigado á salgar a sua sardinha com as lagrimas dos olhos, que não póde transformar-se em dinheiro para atulhar as fauces insaciaveis do cérbero do fisco.

Antes de 1834 nada pagava o pobre. pagava só o rico; depois de 1834, paga proporcionalmente mais o pobre do que o rico.

E não teem medo da ira de Deus?

Lá vem a Internacional, soprando o incendio do petroleo, para n'elle queimar as papeletas cabralino-regeneradoras, e a legislação liberal que estabelece fornalhas de alchymia, em que se transformam em oiro a pelle e os ossos do povo.

A proposta de lei n.º 12 amplia o imposto d'importação, mudando e substituindo a tabella anterior por outra apresentada agora; e decreta na exportação 1 % sobre o valor; sendo nas ilhas cobrado o imposto em moeda forte, o que augmenta o imposto.

E' fartar villanagem. Se o imposto ainda é pouco para vos encher as algibeiras, decretae mais. Continuae como até'agora sem attender á moral e ao direito: sem guardar proporção alguma no lançamento e distribuição do imposto, sem lhe fixar uma base rasoavel.

No entanto lembrae-vos de que está prestes o vosso castigo; porque vós continuaes na mesma marcha tributaria. Entendeis e quereis que o povo póde e deve pagar mais, enganaes-vos torpemente.

Ha um principio incontroverso e de eterna verdade, ditado pela sabedoria, que diz

Quos Deus vult perdere prius dementat.

Não vos quereis lembrar d'elle, e acautellar-vos, pois não tarda quem vem; e debalde rangereis os dentes quando chegar; porque, como no inferno de Dante. quando rolardes pelo abysmo, vereis aterrorisados o terrivel lema

Lasciate ogni speranza voi ch'entrate.

Fallas do Liberalismo.

A arma do liberalismo, para chamar a si as masas incautas, isto é o povo muito do qual ignora a historia patria, tem sido fazer-lhe acreditar que os antigos reis eram despoticos e tyrannos. Arma vil e ignobil, que empunhada pela mão da mentira, faz com que aquelles que, nada sabendo do passado, accreditam o que se escreve no prezente, fazendo com que o povo acredite o êrro para assim engrossarem as suas fileiras.

Felismente para a causa santa da legitimidade, a maior parte do nosso povo é legitimista, e despresando as bombasticas phrases liberaes, quando lhe apregoam a decantada liberdade, fica assim a modo de quem conta as estrellas, e voltando-lhe as costas responde: bem vos conheço. E' que a maior parte do nosso povo conserva em tradicções, um ou outro conto de seus paes e avós, quando, junto ao lar domestico, lhe contavam uma ou outra historia de nossos reis, tam abundantes em feitos gloriosos.

Pedindo licença aos senhores liberaes para deixarmos no tinteiro essas phrases empoladas, tam usadas por elles, passaremos a escrever de fórma que o povo nos intenda, pois é a elle que nos dirigimo nos prezente artigo.

Hade pois apparecer-vos por ahi algum tribuno de esquina a dizer-vos:

Não ha governo melhor que o liberal, pois temos a liberdade de dizer mal das auctoridades, dos deputados, dos ministros, e até dos reis.

A estes respondei:

O homem deve respeitar a auctoridade, porque é ella que reprezenta e faz executar a lei.

O deputado que é o seu representante. os ministros, porque são os conselheiros do rei, e o rei que é delegado de Deus na terra. A ambos devemos respeito; a ambos obediencia.

O respeito sempre; e a obediencia, quando não mandem o contrario á lei divina, porque quando o rei, ou qualque governo fôr de encontro á Religião Catholica, que professamos, estamos desligados da obediencia d'esses reis ou governos.

Hade apparecer-vos por ahi qualquer doutor de colarinho tezo e luneta de um vidro só e dizer-vos:

Em outros tempos os interesses do povo não eram advogados perante o rei.

A estes respondei:

No tempo de nossos antepassados, tambem tinhamos côrtes onde o clero, a nobreza e o povo mandava os seus representantes. Estas côrtes datam da fundação de nossa monarchia.

Os nossos reis nunca foram despoticos e tyrannos, pois tinhamos uma constituição que nos regia.

Hade outro aspirante a escriptor dizer-vos:

Em outros tempos havia uma meza censoria para examinar os livros, que se pertendiam publicar, e ninguem podia expender franca e lealmente a sua opinião.

A estes respondei:

Essa liberdade de imprensa é que tem levado a desordem até ao seio das familias, pois que até questões pessoaes e de familia se vem assoalhar na imprensa periodica. Essa liberdade permitte accusar injustamente auctoridades, muitas vezes probas e amantes da justiça.

Essa liberdade permitte attacar as crenças religiosas de um povo inteiro, que timbra de ser christão.

Essa liberdade perverte e prejudica, em vez de utilisar e instruir,

Em todo o caso hamde dizer-vos que o povo portuguez gosa da maior liberdade e que o governo liberal adoptou a Religião Catholica como religião do Estado, deixando comtudo a liberdade de qualquer ser christão, ou deixar de o ser.

Então perguntae, pois que, vos chegou a vossa vez:

Se todos temos a liberdade de seguir a Religião Christã, porque não permittem as associações religiosas?

Para que expulsaram os frades? Para que prohibiram a profissão das freiras? para que expulsaram as irmãs da Caridade?

Que liberdade é essa que temos? Ou deixam-nos ser christãos com medo que nos revoltemos, e se nos fecharem os templos?

Oh, seria essa a vontade dos liberaes!... Principiaram por fechar as portas do claustro para depois os demolir.

Não o conseguirão!

Tendes por tanto melhores armas, vós, ó homens do povo, do que aquelles que vos querem illudir, para com vosso auxilio conseguirem dois fins. Primeiro, desprestigiar a memoria de nossos respeitaveis monarchas; e segundo engrandecer-se com a vossa sympathia quando pertenderem uma cadeira em S. Bento.

Desprese portanto o povo esses fleugmaticos defensores do liberalismo, e peça a Deus que lhe restitua aquellas leis que o farão feliz e Aquelle astro de esperança, que poderá fazer reviver o seu Portugal, tornando-o outra vez grande entre entre as nações.

A questão da pupila no convento das Flamengas.

A entrada de uma filha do snr. marquez de Sampaio, para pupila do convento das Flamengas, deu azo á imprensa de todas as côres liberaes, gritar a bom gritar contra a reacção.

Feita a vozeria pelos *orgãos* da opinião publica formada nos *contras*, reproduziu-se o ecco no parlamento.

Encarregou-se do papel de *mata freiras*, o sr. Osorio de Vasconcellos, deputado por Trancoso. Este senhor que é official de engenheria militar, e que começou a ser conhecido pelos folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*, em que este luminar fez sciencia á custa dos annuarios scientificos de Luiz Figuier, julgou que tratar de assumptos theologico-canonicos era o mesmo que vestir á portugueza as rapsodias da sciencia apanhadas mascaradamente nos livros francezes, levantou-se *irado mas não facundo* contra a reacção, por ter affrontado as leis do immortal duque de Bragança.

O excellentissimo representante dos reformistas de Trancoso gritou a bom gritar contra ter uma senhora entrado no convento, cortado o cabello, vestir um habito, e o que é mais, leitores queridos e amaveis, cingindo (tomem bem conta) a cintura com uma corda!

Fallou de catholicismo, progresso, reacção, hipocrisia, fanatismo, etc. Seguiu-se a este sr. deputado o snr. Santos e Silva, especie de *mestre de ceremonias* da casa, e sem o qual não é licito fallar em em Deus, como elle mesmo asseverou ao sr. Carlos Testa, e tambem reproduziu o mesmo, acrescentando mais, querer a liberdade de cultos e muitas outras coisas.

O snr. ministro do reino respondeu bem. O snr. Barjona disse, que o governo tem idéas firmes a tal respeito, prometteu portarias furiosas ao prelado de Lisboa, a fim de que não *hajam taes attentados ás leis.*

De toda esta palestra o que o paiz ficou sabendo, é que nenhum snr. deputado sabe cousa alguma do assumpto, porque a entrada de uma simples pupila para um convento, embora com mais ou menos apparato não torna por esse facto o acto em profissão religiosa.

Felizmente, não n'esse dia, mas no outro, o snr. dr. Ornellas, deputado pela Madeira, e muito mais competente no assumpto de que os dois deputados interpellantes, defendeu o acto da entrada da neophyta e ainda mesmo da profissão, protestando em nome dos sentimentos religiosos do paiz contra as preposições avançadas pelos deputados interpellantes: pediu copia da portaria, que o snr. Barjona declarou tencionar dirigir ao snr. Patriarcha, e tambem se se tem cumprido os artigos 135.º e §§ e 283.º do codigo penal, em relação ás associações existentes e condemnadas pelo codigo.

Bem haja o nobre deputado, e pena é que se não faça um esforço e se consiga levar á camara n'uma legislatura, os homens que na tribuna da imprensa e na do parlamento teem defendido os principios catholicos.

Nós o que sentimos é que se levante sempre, quer na imprensa quer no parlamento grande celeuma quando se trata de negocios da religião, e que sempre os individuos que tratam de fallar n'estes assumptos mostrem tal ignorancia, que nem uma creança.

Parece que esta gente não aprenderam, em pequenos, o cathecismo!

Confundir uma entrada de neophyta com uma profissão, só na cabeça de taes doutores cabe.

Não entramos agora na questão se o

---

nha deixado uma fortuna consideravel, adquirida na sva casa bancaria, e no fornecimento de aprovisionamentos militares no tempo de Napoleão 1.º e em diversas emprezas commerciaes em que tinha entrado. Alexandre, sem subtrahir seus grossos capitaes á sorte inconstante das operações de credito, não querendo, como seu pae, envolver-se em especulações e lançar-se no turbilhão dos negocios viajou e viu os monumentos; estudou e observou os recursos dos paizes que visitou. Voltando a Milão sua nova patria, fez a seu bel prazer um casamento muito conveniente. Depois, tornando-se pae de Alberto e Clara, morreu sua esposa, sem que elle tivesse attingido aquella idade em que tam vivamente se sente a necessidade das affeições domesticas e de uma vida descançada e tranquilla. Alexandre tinha recebido da natureza um rigido caracter e pouco expansivo, uma agudeza de espirito admiravel distinguia-se pela tenacidade de suas opiniões em seus juisos, que, se contribue para a independencia de caractere, apaga ordinariamente os affectos generosos dos sentimentos d'alma. Os homens d'esta tempera são, em geral, pouco accessiveis ás ideas religiosas: assim Alexandre não via, como muitos outros, na religião, que deve ser o principal negocio da vida, senão uma instituição social, util, aconselhada pela razão, sagrada até se assim o quizessem, mas nada mais que um principio humano.

Em uma palavra, era um d'aquelles homens que admittem a existencia de Deus, por não saberem substituil-o; e que imaginam correrem as coisas n'este mundo a nosso prazer e não dirigidas por uma vontade soberana. Um homem assim formado, honrado que fosse e apreciasse a sua honra mais que nenhuma coisa do mundo, não podia exprimir, fallando de seus filhos, senão o que temos achado n'esta carta. Assim bem tinha dito quando terminou, que o estado de abatimento de sua filha o preoccupava muito; mas não era menos verdade que o preoccupava muito mais o pensar em um casamento vantajoso, que tanto elle como seu amigo, julgava ser conveniente. A posição, a fortuna, o nome do pretendente, poderiam até certo ponto servir-lhe de escusa; era porém um cavalheiro de trinta annos com trinta mil francos de renda pelo menos, modo muito cortez, costumes elegantes, mas decentes, nobreza um tanto moderna. Alexandre que se gabava de estar acima de todos os prejuizos dizia que teria de se arrepender se não acceitasse para sua filha uma fortuna tam rara e tam favoravel.

Na manhã do seguinte dia, Clara disse a seu pae, que tinha ido visital-a, que se achava melhor, e que já não sentia a indisposição do dia anterior; mas sua pallidez e seus olhos abatidos desmentiam suas palavras. Por isso Alexandre não lhe pediu para se levantar; antes mandou procurar um medico, sem mesmo perguntar a sua filha, se dezejaria a sua presença.

Uma hora depois o medico da communa (*medico do povo* pago pelo governo para tractar os pobres) estava junto do leito de Clara. Era um homem entre duas idades, muito estimado n'aquelles arredores, amado pelos camponezes, menos por sua sciencia que por sua sensibilidade sympathica, que juntava ao exercicio de sua arte.

Era a primeira vez chamado áquella casa, mas pelo que observou, pelo que pae e filha lhe responderam, começou a comprehender, ainda que confusamente a natureza do mal, e as difficuldades do caso que se apresentava.

Tendo necessidade de estudar e melhor discernir a causa dos soffrimentos da joven menina, de quem tinha recolhido algumas palavras repassadas de tristeza e que haviam já vivamente excitado sua compaixão, limitou-se n'este dia a receitar-lhe alguns calmantes, dirigiu lhe algumas palavras de consolação e retirou-se promettendo de voltar.

Quando o doutor transpoz os hombraes da porta, Alexandre meneou a cabeça murmurando estas palavras: Todos elles formam um bando, um bando só!

Mas o bom doutor em pouco tempo leu, na alma da pobre Clara, o que seu pae jámais teria lido. Passaram-se alguns dias: Clara principia a tranquillisar seu espirito e a sentir-se um pouco melhor. A pobre menina tinha podido chorar algumas lagrimas diante d'uma pessoa que a comprehendesse, diante do bom e excellente doutor.

Não se podem imaginar os cuidados e disvellos affectuosos que o bom homem empregava, procurando os mais secretos recursos da medicina, a fim de salvar sua interessante doente, de quem a vida parecia querer extinguir-se. Comtudo, desde o dia em que, pela primeira vez tinha sido chamado, Clara não tinha tido forças para se levantar; seu pae muito fazia para a reanimar, a toda a hora e sob qualquer pretexto, fazendo-a persuadir que seu estado não era mais que uma leve recahida: assim Alexandre não fazia mais que excitar sua filha á alegria e á esperança: Clara nada mais esperava de seu pae! Ouvia-o, fictando-o com tristeza e uma lagrima ardente desfiava por aquella face mimosa, e aquella lagrima arrancada por uma saudade seccava-se ainda antes de ser divisada por elle. O proprio doutor muitas vezes ficava pensativo ao contemplal-a, e quande se retirava levava a alma atormentada por terriveis prognosticos.

Uma manhã aproveitando uma circumstancia em que o pae de Clara estava distrahido com um negocio importante o bom do doutor achou-se a sós com sua joven doente, e fallou largamente com ella. Durante a conversação tinha elle conservado aquella fisionomia inalteravel e serena, propria de um medico em face da morte, mas apenas sahiu do gabinete a sua tristeza trahiu o profundo sentimento de sua alma.

Antes de deixar a aldea, perguntou a um dos criados de Alexandre se seu amo tinha voltado; mas vendo que elle chegava n'aquelle momento, divisando-o por entre a avenida dirigiu-se ao seu encontro e lhe disse, não sem hesitar hm tanto, que estava pouco satisfeito com a vizita d'esta manhã; depois accrescentou como de passagem que tinha um pedido a fazer-lhe da parte de sua filha. O velho não respondeu; mas com um gesto rude e imperioso fez signal ao medico para expor o objecto simplesmente.

Então o bravo homem exprimiu-se n'estes termos:

—Não é porque a situação actual da doente o exija; não! Mas v. s.ª deveria concorrer para que o espirito da menina se tranquillisasse..... na verdade está hoje mais agitada..... mais que o costume..... deveria, para condescender com os seus dezejos chamar, chamar como de vizita..... um bom sacerdote. N'este paiz não são raros; por exemplo, o snr. prevoste d'esta aldea ou então o D. Fellippe, o digno capellão de la Rovella, que é um sabio e digno padre.

—Basta doutor, respondeu com azedume o pae de Clara; peço-lhe por favor que não se queira metter no que não lhe pertence; e, como a situação actual da doente o não exige, como diz, melhor faria em não se encarregar de taes commissões..... . Em fim, minha filha póde dirigir-se a mim e o doutor não devia assim favorecer os tristes presentimentos da doente.

—Engana-se snr. eu.....

—Digo-lhe apenas uma coisa: se sua sciencia não póde suggerir-lhe outro conselho, para minha filha, eu não sei o que Deus... Chame um de seus collegas para o consultar, ou se quizer renuncie á cura se assim preferir.

E voltou as costas ao doutor.

O honrado medico ficou como petrificado no logar; não sabia explicar a si mesmo estas respostas offensivas, esta extranha mudança; porém reflectindo em que a pobre menina lhe tinha confiado, as angústias de sua alma tam sensivel e tam cheia de soffrimentos, previa um fim funesto á sua querida doente, e, debaixo da inspiração d'Aquelle que dirige as coisas n'este mundo, dispoz-se a ir procurar — o Capellão de Rovella.

(Continúa)

decreto de 1834 devia existir perante as bafuradas de liberdade que por ahi ha, por que não é esse o assumpto, mas lastimamos que a taes sabios estejam entregues os destinos do paiz.

Agradecemos ao snr, Ornellas o que disse, e protestamos contra o que disseram os snrs. Ozorio de Vasconcellos e Santos Silva.

(Ecco dó Professorado)

A situação:

Angustias, perigos, deveres e consolações dos catholivos nos tempos actuaes por Monsenhor Gaume, Protonotario Apostolico.

Custos quid de nocte?

Sentinella como esta a noite?

Isaias cap. XXI v 11.

CARTAS A M. J. DE F***, NO CASTELLO DE B***

Angustias

4.ª CARTA

Caracterisei, caro amigo, como pude a situação. Dei-vos a conhecer a natureza do movimento que nos arrasta; e, se me não engano, o ponto onde está a eterna lucta do mal com o bem. A situação limita-se hoje a despojar o soberano Pontifice de seus Estados, ou o que é o mesmo, a eliminar a realeza visivel de Nosso Senhor Jesus Christo.

Mas apareceria este intento, como um cogumelo debaixo d'um carvalho? Surgiria esta ideia, hontem, na cabeça de alguma pessoa? Seria rapidamente, e por assim dizer d'um só golpe, que a Europa se acha collocada n'esta terrivel situação; da qual não sabe como sahir?

Erra quem assim o pensa. A celebre brochura intitulada: *O Papa e o Congresso* não produziu a situação, mostrou-a. Tudo o que hoje vemos procede do que já foi. Não ver na situação actual mais que um acontecimento transitorio, imprevisto ou improvisado, seria o mesmo que pretender reduzir um gigante á estatura d'um anão. Como já dissemos, a espoliação completa da Egreja romana é um facto annunciado de ha muito, e tem profundas raizes no passado da Europa moderna. Vamos mostral-o; pois que para conhecer uma doença, e, sobretudo para a tratar com feliz resultado, é preciso investigar-lhe a origem.

Considerada na sna primeira causa, que é a raiva de Satanaz, a espoliação suprema, que está proxima, é tão antiga como o christianismo.

Estudada na sua formula e motivos, em sua publica e franca manifestação n'uma palavra, conta sómente de existencia quatro seculos.

O Christianismo, vós o sabeis, apenas apparecera, encontrou curbado, debaixo do jugo de Cesar, o genero humano.

Na mão d'um homem estava concentrado todo o poder; na vontade d'elle todo o direito. Este homem é que era o Deus: e este Deus chamava-se Nero, Tiberio, Caligula. Domiciano. Era á unidade no meio da abjecção.

Para fazer pedaços este diploma do mais hediondo despotismo, a religião christã divide o poder.

Cria ao lado do Cesar, o Pontifice.

A' quelle, subordinado ao Pontifice, confia os corpos; a este as almas

Como a alma e o corpo, a sociedade espiritual e a sociedade civil, unidas sem se confundirem, caminham com passo firme para a perfeição relativa. A liberdade humana ficou salva, pela impotencia a que ficou reduzido o despotismo cesariano. Trez seculos de lucta encarniçada espulsam, de Roma sua capital, o demonio; e conseguem que ella seja a capital da cidade de Deus.

Comtudo, Satanaz furioso não se deu por vencido, segundo a expressão do iminente cardeal vigario. Expulso, não cessou jámais de girar á volta de Roma, e de fazer incessantes esforços para lá tornar a entrar.

A historia que os conta, tambem numera igualmente a sua eterna derrota. Debalde, para resuscitar o passado, agrupa debaixo de seus estandartes sediciosos os imperadores d'Allemanha e seus ministros. Em vão o poeta de Florença dá a luz a apologia do antigo Cesarismo: Dante fica malogrado como os Gibelinos. Como a pyramide do deserto sobre base de granito assim repousou por muito tempo sobre os principios evangelicos a ordem europeia.

As raizinhas da situação actual serão, se vós o quizerdes, essas velhas tentativas, contra a realeza pontifical; mas a verdadeira raiz data de tempos mais proximos. Esta raiz, sem a qual a arvore não teria florescido, foi plantada, ha quatro seculos, no solo da Europa. Desde esta epoca de sinistra memoria, despertou-se no meio das nações christãs do Occidente, uma especie de fanatismo pelas instituições politicas dos povos pagãos. A grande unidade material do mundo de Tiberio, considerada como o typo da força e da perfeição social, espelha-se diante da Europa admirada.

A antiga Roma sahe do tumulo com todo seu cortejo de liberdade, virtudes e victorias.

São cantadas as suas grandezas; rediz-se o segredo do seu poder. Torna-se a construil-o theoricamente, e, sempre no cume do edificio, brilha Cesar imperador e Pontifice.

Mudança radical se opera na politica tradicional da Europa. Machiavel foi o seu principal instrumento.

«A sua obra disse um auctor insuspeito, M. Matter, marca uma nova era; era de completa revolução; não uma simples roptura entre a religião e a politica, senão uma era de subversão fundamental de suas antigas relações.» (1)

Fez este homem, *filho de sua educação* o que ninguem tinha feito antes d'elle; formulou d'um modo claro a theoria da omnipotencia cesariana, já abolida pelo christianismo. Fallou-a, escreveu-a, tornou-a popular.

Porém, a propriedade que a Egreja tem de ser independente é o maior obstaculo que se oppõe e se opporá sempre a esta omnipotencia. Machiavel teve o cuidado de o prevenir. A ambição coroada saberá, mais tarde ou mais cedo, fazel-a desaparecer da Europa. N'esta espectativa, o Florentino põe mãos á obra em seu paiz.

Vinte annos antes de Luthero, no seio d'uma cidade catholica, distante algumas leguas de Roma, ousou-se publicar que o unico obstaculo para a unidade italiana e a causa de todos os seus males é o poder temporal da Egreja romana.

E' para admirar ver pendente d'uma pena toda a politica do Piemonte, a *Questão romana* de About, as proclamações de Garibaldi, o programma de Mazzini, as arengas de Cavour, os *memorandum* de Victor Manuel, e as instrucções das sociedades secretas. (2)

Examinai o que elle diz. «Nós os italianos, diz Machiavel, devemos á Egreja romana uma grande obrigação: é d'ella ser a causa da nossa ruina politica. Quero dizer que é ella quem dividiu e tem ainda dividido o nosso paiz. Jámais este paiz teár união e felicidade sem que primeiro seja uma só republica a qual obedeça a um unico principe. Ora, é unicamente a Egreja romana, a causa porque a Italia não forma uma republica, e não tem um principe que a governe.

«Por um lado, ella tem um poder temporal mui fraco para se apossar de toda a Italia e ser d'ella a rainha; por outro lado, é de pequena importancia o seu dominio temporal para que o receio de o perder não tenha levado a Egreja a pedir protecção a principes poderosos, contra aquelles que em Italia lhe podiam causar sombra. Assim, é a Egreja romana que vos impede de viver debaixo d'um só chefe. A Italia, condemnada a soffrer o jugo de muitos, cahiu em tal estado de desunião e fraqueza, que está prestes a ser preza não só dos *Barbaros* poderosos, mas até de qualquer que se queira apossar d'ella.

Eis aqui aquillo de que nós os italianos somos devedores á Egreja romana e não ás outras.» (3)

Com o fim de facilitar a suppressão do dominio temporal da Santa Sé, Machiavel desfaz todos os escrupulos a quem os tenha: assegura-lhes que é o proprio interesse da religião que assim o exige. Aqui, meu caro amigo, augmenta a surpreza.

As obras de Machiavel contém todas as accusações reproduzidas hoje com o mesmo fim e acceitadas por um grande numero de individuos.

Um dos seus capitulos tem o seguinte titulo: «a Italia como que cahiu em ruinas por ter enfraquecido a religião e d'isto é culpa a Egreja romana.» (4) Este capitulo termina do seguinte modo: «Devemos por tanto, á Egreja de Roma, nós os italianos, o sermos impios e vadios.»

Julgae por este pedaço, o restante da obra. Não é preciso dizel-o; estes sophismas e calumnias não tem outro fim, pelo que se vê, senão roubar o dominio de S. Pedro *por causa da utilidade italiana.*

Machiavel, depois de expor os motivos, passa á pratica.

Tudo o que escrevem ha dous annos os unificadores da Italia e os espoliadores da Santa Sé, é copiado, palavra por pa-

A esta sacrilega charlataneria, o successor de Tiberio, acrescentará a perfidia para com os homens.

«Como principe ajuisado, continúa Machiavel, não deve cumprir sempre sua palavra, especialmente quando d'este acto lhe resulte algum mal ou que faltem as razões que o levaram a fazer taes promessas. Para colorir esta falta de palavra, não lhe faltarão pretextos. Um principe, e sobre tudo novo, deve observar que nem sempre é possivel observar tudo o que a gente honesta pratica. E' necessario, pois, que se não affaste do caminho do bem, mas que entre no do mal todas as vezes que lhe for mister. Deve ter em vista, sobre tudo, os resultados. Se o resultado for feliz, serão louvados e honrados, por toda a gente, os meios que elle empregou para esse fim (1).»

D'estas maximas, e d'outras d'igual genero, expostas com a mesma crueza, Machiavel concluiu que o seu heroe deve ser umas vezes *leão*, outras vezes *rapoza*, conforme o modèlo que nos deixaram os antigos, nossos mestres em politica. «O principe, disse elle, deve obrar como um animal, e ser algumas vezes leão e raposa. Quanto melhor souber imitar a raposa, melhores resultados obterá. Convém que esconda do melhor modo o caracter d'estes animaes, e portanto que seja grande dissimulador e mentiroso. (2).»

Vêde, meu caro amigo; a situação, considerada em sua formula e em seus motivos, não é nova. Se, apesar dos percursores, em maior ou menor numero, attribuimos com razão o arianismo a Ario, o pelagianismo a Pelagio, porque foram elles que deram a estas heresias, das quaes foram apostolos, a formula: razão tem a historia em marcar, como pae da politica piemonteza e mazinista a Machiavel; porque foi elle o primeiro que lhe traçou o programma e preparou o triumpho.

Se a theoria da expoliação da Egreja romana conta quatro seculos d'existencia, a realisação parcial d'esse principio soberanamente anti-christão, é apenas d'alguns annos para cá. No tempo de Mechiavel, a Egreja era a maior proprietaria da Europa.

Nenhuma propriedade era mais respeitada que esta. Porém tudo mudou com a politica cesariana, restaurada por Machiavel e seus discipulos. A Europa preoccupa-se com a doutrina da espoliação da Egreja, doutrina que fica desenvolvida pelo lutteranismo, e applicada por todos os governos. Segundo a doutrina antiga, todos os reis querem ser Cesares, todos os principes ser reis.

Todas as barreiras, protectoras do direito de propriedade ecclesiastica, caem diante de semilhante ambição, excitada e justificada pelo Florentino. A espoliação da esposa de Jesus Christo, ou, como se diz ha dous annos, a *annexação,* invadiu rapidamente a Prussia, a Suecia, a Dinamarca, a Hollanda. Passa a Inglaterra, e lá, como nos outros paizes, consuma-se pela effusão torrencial de sangue catholico.

O Cesarismo pagão, auxiliado pelos homens de leis e, digamol-o, por certos membros do clero, tem penetrado cada vez mais na politica dos governos. A espoliação estende-se aos Estados catholicos. José II passa a vida a roubar a Egreja. A França conduz-se pelo caminho das outras nações; Portugal, Hispanha e Italia a tem imitado. Logo, é verdade, dizer-se que. o que hoje se faz contra Roma, não é mais que o complemento d'um sacrilego attentado, começado ha quatro seculos, e realisado em toda a Europa. Tal é o gigante, contra o qual temos a luctar.

Tal é tambem, meu caro amigo, a situação actual debaixo do triplice ponto de vista, de origem, da theoria e da pratica. Amanhã estudarei comvosco a causa intima d'este extraordinario phenomeno.

Todo vosso.

(1) *Hist. das Sc.*, etc., t. l., 70.

(2) A 4 de Março d'este anno, Ricasoli, governador de Toscana, dizia ás multidões: «A nossa constituição não póde ser embaraçada senão pelo seu ETERNO e decrepito INIMIGO. Este inimigo é o *poder temporal de Roma.*

(3) *Disc.*, liv. 1. c. XII.

(4) *Ibid.*

(1) *Il Principe*, c. XVIII.

(2) Ma è necessario questa natura saperla ben clorire, et essere gran simulatore e dissimulatore. *Ibid.*

REVISTA ESTRANGEIRA

Todas as attenções estão em Roma, e não é sem fundamento; porque d'alli hade vir a salvação d'esta sociedade moribunda. Roma é a capital do mundo catholico, o centro de todas as grandes obras, o foco do verdadeiro progresso e civilisação; lá estão tambem as nossas vistas.

Alguns jornaes estrangeiros affirmam que o Papa decidido a sahir de Roma em Abril, não acceita a hospitalidade offerecida pela França emquanto republicana; mas talvez a da Austria ou da Inglaterra.

Apesar de muitissimo attribulado pela perseguição encaniçada que lhe movem seus inimigos, Pio IX olha para si e vê que a conservação de sua preciosa vida, não é obra do acaso; mas sim facto miraculoso e unico na historia dos Pontifices romanos; consulta as tradições, estuda as revelações propheticas e depois fica sabendo que elle é o homem destinado a salvar-nos por meio dos principios, cujo desprezo, fôra a causa da decadencia moral e material do nosso seculo; e esses principios são o direito a justiça e esse direito e essa justiça hade elle defendel-a não, como esta geração de vermes o entende, com o goso dos prazeres sensuaes, mas sim, e só, com soffrimentos e angustias. Cremos, pois, que não abandonará Roma ainda que isso lhe custe a vida de homem para defender a vida do Vigario de Jesus Christo; porque as glorias de Thalor não vem senão depois das humilhações do Calvario!

Como se dão as mãos os destinos do Papado e das Monarchias christãs, não é fóra de proposito analysar a noticia dada pelo jornal «Daily Newes», a respeito da protecção moral dada por Pio IX ao Conde de Chambord. Diz aquelle jornal que o Papa intimára os bispos francezes a que se declarasse a favor de Henrique V.

Não achamos impossibilidade na noticia, antes, pelo contrario, uma consequencia natural do que são Pio IX e Henrique V; porém parece-nos a nós, que vemos estas cousas tão de longe, que se alguma difficuldade ha em acreditar esta noticia é por ella ser desnecessaria.

Temos desejo, e bastante, de justificar esta nossa opinião, porém falta-nos tempo, como nos sobra vontade. Pois que?

Será preciso que Pio IX dissesse ao clero francez quem era o legitimo e digno representante da Monarchia christã? Não o saberão elles, ou não lhes será licção bastante para o *confessar e proclamar*, as desgraças aonde o lançaram as dynastias bastardas?

Suspendamos as nossas reflexões, até que o thelegrapho nos venha confirmar ou, quando desmentirmos, mostrarmos ao razões que a isso moveram o augusto chefe da Christandade.

E não estará a Hespanha em iguaes circumstancias, como a França, para merecer, se tal é verdade, uma palavra de salvação, que lhe faça vergar o joelho e dizer nós te ouvimos, porque só tu julgas com imparcialidade os bandos e facções que nos dividem; e mostrando-nos Carlos VII, proclame aquelle a quem de direito pertence governar este malfadado paiz e defender a Religião Catholica?

Ainda quando o tempo nos dissesse que tal noticia era verdadeira, nem por isso a prejudicariamos com a sua não estensão ou aplicação a paizes igualmente dilacerados pela desgraça e sobre tudo pela desmoralisação e impiedade. A Hespanha n'esse caso não teria mais do que olhar para a França e ouvir o que lá se passasse e traduzil-o em factos.

Deixemos que chegue a hora; e esta só póde vir depois que o poder das trevas tiver esgotado toda a sua força em luctar, primeiro com o Pontifice romano, e depois com todos aquelles que o querem defender.

Não reciemos a sorte das Monarchias legitimas; porque só elles teem em seu abono a verdade e o direito; só ellas tem o respeito de todos os seculos e o que mais é a sancção da Religião.

A' vista d'isto, parece que acabamos por onde deviamos principiar, isto é, pelas considerações que nos sugere o estado lastimoso da Europa: porém é tal a fraqueza d'esta gente que desanima logo com os factos e quando chega a apreciação é tarde o corrosivo.

Que importa, pois, que os jornaes estrangeiros nos digam que Roma, está invadida pelos revolucionarios e que estes espalham a largas mãos, a morte, que a Italia se debate, porque tocou na obra de Deus, em extrema agonia; que a Prussia não póde esconder as chagas sociaes que lhe minam a existencia embora as escondam os ouropeis da gloria; que a Austria não póde caminhar sem topar na escolha que ella mesmo se prepara com o seu semi-catholicismo ou catholicismo liberal; que a França lucta com a personificação do *juste milieu* de Luiz Filippe Thiers; que a Hespanha está ás bordas do abysmo por não ter accordado?

Não me assusta; antes nos anima porque não ha luz sem trevas; não ha bonança sem tempestade, não ha dia sem noute.

SECÇÃO NOTICIOSA

Lausperenne em seu Santo Antonio. — Tendo-se recusado a irmandade da Santissima Trindade e unidas, erecta na egreja do Populo, acceitar da meza da confraria de St.e Antonio, o subsidio de 36$000 com que podia concorrer para a celebração do Sagrado Lausperenne n'aquella egreja na presente quaresma, e não sendo nunca intenção d'esta meza que tão solemne festividade, fosse interrompida, deliberou em sessão de 10 do corrente mandar expor o Sagrado Lausperenne na capella de seu padroeiro, erecta na Praça Municipal, nos dias designados no kalendario, que são 25, 26 e 27 do corrente mez. Para satisfazer a estas despezas, aquella meza resolveu unanimemente fosse applicado o supradito subsidio de 36$000 rs., repartindo-se pelos mezarios todas as mais despezas que forem necessarias para o esplendor devido a acto tão solemne.

Outro. — Nos dias 28, 29 e 30, teve logar o Lausperenne no Convento dos Remedios. Celebrou-se, como é costume, com toda a pompa e lusimento, distinguindo-se as cantoras pelo bom desempenho da muzica que diz respeito á festividade. Entre ellas torna-se digna de especial menção a Exm.ª Snr.ª D. Mathilde Elvira Couto, 1.ª tiple. Tambem é digna de louvor a Exm.ª Snr.ª D. Emilia organista.

Quem é o verdadeiro auctor do plano da estrada da Geira? — Nos pasmatorios d'esta cidade tem sido objecto de commentarios este assumpto, levantado pela imprensa de Lisboa, que parece asseverar, que o *plano da estrada da Geira e Memoria discriptiva*, que o snr. dr. Caldas tencionava offerecer ao Imperador do Brazil, (e não sabemos se chegou a offerecer) *como trabalho seu original*, não era nem mais nem menos do que *uma copia de trabalho alheio*, do snr. Ramon Barros, Sibélo. Como é natural, á vista da provocação que a imprensa da capital faz ao snr. dr. Caldas, cada qual commenta este assumpto como lhe parece; uns tem cortado na casaca do illustre professor sem dó nem consciencia, parecendo-lhes vêr n'este facto *impostura e vaidade*; gente de maus figados, que parece comprazer-se em vêr o seu semelhante *achatado* pelos seus émulos;—outros com risos maliciosos parece acreditarem que o trabalho do snr. dr. Caldas é uma copia de mão alheia e não obra da sua propria lávra, ainda que lhe conhecem os seus altos engenhos e que é capaz de muitas cousas mais. Os amigos do illustre professor parece que estão embatucados, sem saberem o que pensam, porque lhes parece impossivel que vendo o snr. dr. Caldas por seis olhos, não visse que não sendo o seu trabalho original, mas uma copia do de Sibélo, mais dia menos dia viria a saber-se, redundando este facto em descredito seu.

Não póde, porém o snr. dr. Caldas negar, que além dos trabalhos sobre a *estrada da Geira*, de Sibélo, que por muito tempo conservou em seu poder, até que o entregou por ordens superiores, tambem o mesmo Sibélo escreveu no anno de 1860 um—*Plano geral estadistico, archiologico, geografico da estrada da Geira*; antes d'elle se publicou uma curiosa *Memoria* ácerca da *estrada da Geira* na *Revista Litteraria* do *Porto* vol. 8.º pag. 360. A imprensa da capital reptou o snr. dr. Caldas para que esclarecesse a coriosidade publica sobre ser ou não ser original o seu trabalho. A' vante illustre professor, não deixar o seu credito por mãos alheias. Oh! que contentamento, que alegria, que satisfação, terão os seus discipulos e numerosos amigos vendo o snr. dr. Caldas sahir d'esta questão com dignidade! E nós não seremos dos ultimos que lhe dirijámos felicitações, como é proprio da nossa *amisade.*

Um triduo de conferencias. — Estão ahi os Rvd.os Rebello e Melli, para fazerem aos Estudantes um triduo de praticas, como preparação para a satisfação do preceito quadragesimal. Principiou hontem terça feira na Egreja do Salvador. e continúa hoje e amanhã na Egreja do Carmo, pelas 4 e meia horas da tarde. Estam promptos a ouvir de confissão todos os Estudantes que se queiram confessar São dignos dos maiores elogios e meritos os Rvd.os Missionarios que se não poupam a fadigas para guiar a mocidade pela senda da verdade e do bem; assim como é digno d'estima e consideração o Corpo Escolastico que os tem ouvido com aproveitamento todas das as vezes que elles os chamam.

Hospital do S. João Marcos. — No dia 8, dia de S. João de Deus, esteve aberto ao publico este hospital; nada lhe faltava; tudo era na maior limpeza ordem, e aceio.

D'anno a anno notam-se n'aquelle pio e caritativo estabelecimento, melhoramentos materiaes de grande vantagem para os enfermos — graças ao grandissimo zelo e eximia caridade do dignissimo provedor d'aquella casa, o exm.e snr. Lourenço de Magalhães.

Fallecimento. — Falleceu em Guimarães a exm.ª filha do snr. visconde de Pindella, casada com o exm.º snr. Gaspar Lobo de Sousa Machado e Coura, d'aquella cidade. A' illustre e nobre familia da finada e mui especialmente a seus queridos e extremosos manos damos os nossos sentidos pezames.

Mais um catholico assinado em Roma! — Proximo de Roma, foi n'outro dia, assassinado Luigi Rossi, antigo inspector politico do *Rione Transtevere*, no tempo do governo Pontificio. Foi elle quem no mez d'outubro de 1867, descubriu a horrorosa conspiração dos garibaldinos na casa Ajani. onde houve lucta sauguinolenta entre elles e os Zuavos.

Este infeliz pai de familia, viu se obrígado a fugir para o campo desde o mez de setembro de 1870, trajando d'um modo differente de dia a dia. Muitas tentativas lhe foram feitas para o matarem; porém de todas estas se salvou, graças á fidelidade de seus amigos. Porém a seita não descançou emquanto não conseguiu subornar com dinheiro um paisana seu visinho; este conduzindo-o á caça, deu-lhe, em logar retirado, dous golpes de fusil na ca-

beça. A policia prendeu o assassino; porém, estamos certos de que ella achará um meio de o fazer escapar á justiça.

Os jornaes revolucionarios não escondem a alegria que sentiram com este facto.

Não tem duvida, lá está a lei das «garantias»! ...

Reviveram, nos italianos, os iconoclastas. — Os jornaes tem dado a conhecer a fórma mais moderna com que é insultada a piedade dos Romanos; é por meio d'uma guerra encarniçada contra as imagens dos santos e principalmente da Santissima Virgem.

E' notavel a conta que os jornaes catholicos, dam dos factos commettidos pelos iconoclastas subalpinos. Em honra da Santissima Virgem do Bom Soccorro, cuja imagem era venerada n'um sanctuariosinho, perto de *l'Arc du Mont de Pieté;* sanctuario profanado e destruido por estes novos senhores, começou no dia 23 de fevereiro um Triduo. Era grande a indignação do povo ao ver insultada a imagem da Virgem Santissima; porém depois foi grande a sua alegria por chegar a transportal-a para a egreja visinha.

A Egreja livre no estado livre ou o carnaval em Roma. — E' interessante a correspondencia da Capital do Catholicismo para o jornal o «Monde», a respeito do que fizeram os Italianos na cidade Santa por occasião dos folguedos do carnaval. Citaremos alguns trechos d'ella, que vem traduzida no jornal a «Nação».

« Viam-s- muitos miseraveis com as vestes ecclesiasticas e com o venerando habito dos religiosos e religiosas vestidos arrastando-os pelas ruas, sujando-os em orgias indignas e expondo-os á irrisão e desprezo da relé.

As ceremonias mais augustas da nossa Santa religião foram macaqueadas e parodiadas da maneira mais ignobil por indecente mascarada; ouviam-se gritos de: morte aos padres! morte ao Papa! cantigas obscenas ou infames, symphonias contra o Augusto Chefe da Egreja reteniam por um grande numero de bairros da cidade até alta noite.

Os bailes e os festins causaram desordens moraes que não são menores e sabemos que muitos mancebos pouco escrupulosos, mas que não teem perdido ainda todo o sentimento de honestidade e pudor se viram obrigados a abandonar promptamente os logares onde se ostentavam abominaveis actos de toda a casta. A policia girava comtudo por toda a parte, presenciou tudo e tudo ouvia e contemplava sem dizer uma palavra e com uma complacencia que indicava ou uma estupidez sem nome, ou uma abominavel cumplicidade.

Eis o que é a educação do povo pela revolução; eis como se fórma em pouco tempo com numerosa gente sequiosa de matar e de tudo arruinar e incendiar.

A auctoridade, em Italia, não governa, nem se faz respeitar; despresada hoje e sem força, ella se verá desacatada ámanhã e destruida da maneira a mais miseravel. A licença esperando affluencia de toda a parte e as paixões revolucionarias dam cada dia amostras do que se intenta fazer logo que chegue a hora do triumpho.

Durante estes ultimos dias os ecclesiasticos e os religiosos conservaram-se em suas casas e conventos abstendo-se de sair á rua; tão pouca segurança havia para elles Muitos d'aquelles que a necessidade ou o exercicio do seu ministerio obrigou a sair foram insultados e injuriados mais ou menos. Os mascarados entraram em diversas egrejas, nominadamente a de Santa Maria de Idria e ahi entoaram canticos impios e obscenos dando voltas infernaes.

Em S. Nicolau de Cesarini um d'estes desgraçados entrou na egreja e se approximou de um religioso que preparava o altar para se dizer Missa, e lhe crava um punhal na garganta e foge deixando o pobre do irmão banhado em sangue.

E' incansavel a moçonaria em assassinar catholicos! — Dizem de Bolonha que fôra assassinado Leandro Valli, *Camarlengo*, da comuna de Ponsacco, perto de Pisa. O crime foi commettido por ordem d'essa abominavel seita que persegue, como inimigos, todos os que são fieis á religião e ao Papa. Leandro Valli era dos mais votados á causa da Egreja e não receiava manifestar publicamente seus sentimentos catholicos.

Redobra em Italia a perseguição ao Clero. — A «Libertà» de 23 de fevereiro diz que o ministerio Lanza, apesar de receber aviso do concelho d'Estado, não reconhece os parochos nomeados pelos bispos que o Papa ultimamente confirmou. Animando o ministerio a que se não desvie d'essa senda, vomita contra a Egreja Catholica, contra o Papa e contra o Vaticano, as mais gratuitas accusações, e terriveis injurias. Aconselha o Estado a que não reconheça nenhum acto dos bispos, visto que a Santa Sé tambem não o quer reconhecer. A «Liberta» porém, receiando que as suas palavras, contra o Vigario de Christo, sejam tomadas por crime, e não como desaggravo de offensa, cobre-se com a opinião publica da Italia e com a da Europa. «O Estado, diz elle, deve proceder contra a Santa Sé contra a Egreja, porque é esta a vontade da nação italiana e de todos os partidos *[sic]*, e por tanto uma necessidade politica interior, com a qual um governo não póde deixar de não condescender. Além d'isso esta medida é exigida por todos os paizes onde o Estado está em lucta com a Fgreja. A Europa civilisada, continúa elle, agradecer-nos-ha a constancia com que temos sabido enfrear o despotismo da Egreja em suas pertensões orgulhosas, temerarias e insensatas do Vaticano». Santo Deus o que aqui vae!

Os Italianos que não tenham os olhos fixos no Principe de Bismark, para que n'esta contemplação não se esqueçam de sua fraqueza. Enganam-se quando vêem a Europa em Bismark como a viram durante dez annos em Napoleão III. Aquelle persegue a Egreja, porém esta espera que chegue a hora do triumpho: sabe, melhor que ninguem, que apesar de todos os poderes da terra, o tempo trabalha por ella.

COMMUNICADOS

A calumnia em Terras de Bouro.

E' tal o desatino do seculo, que não ha pessoa por mais exacta no comprimento de seus augustos deveres, e de costumes os mais irreprehensiveis, a quem a impiedade não trame calumnias para nivelar com seus adeptos; porém quanto mais se esforça por espreitar alguma leve falta, ferindo o que todos admiram, o seu mais seguro effeito, é realçar a gloria que debalde procurava rebaixar: *tem olhos e não vêem.*

E' o facto de no «Jornal do Commercio» de Lisboa, que ainda ha pouco poude haver, se pertender desdourar vil e indignamente um dos parochos de Terras de Bouro que melhor apascentam seu rebanho, e que a par de suas virtudes verdadeiramente christãs brilha uma agudeza de engenho em sua intelligencia cultivada por um estudo proveitoso, sabendo escolher o que ha de bom, e rejeitando inergicamente os vicios e devarios dos tempos modernos.

Quero fallar do ill.^{mo} e revd.^{mo} sr. Manoel José Martins Capella, parocho encommendado da freguezia de Carvalheira.

E' um joven levita que, nos poucos annos que conta do sacerdocio, se tem havido por tal modo, quer no saber quer na prudencia, que attrahindo as sympathias de quantos o conhecem, tem sido admirado por estes que antevêem n'elle um futuro brilhante.

E' um pastor que no curto espaço de anno e meio, que conta de encommendado, havendo captado a benevolencia e confiança de suas ovelhas tem reformado d'uma maneira admiravel seus costumes, já pela palavra, já pelo exemplo tanto, de uma vida toda honesta, como de uma rectidão inquebrantavel em todos os seus actos: *conhece suas ovelhas, e estas, conhecendo-o, seguem-no.*

Não obstante isto alguem mal informado d'esta cidade pertendeu ousadamente manchar sua reputação com um crime que prejudiciando os interesses nacionaes, é reprovado pela Moral—*contrabando.*

Bem sei que esse senhor, que não teve a honra de assignar sua aformoseada escripta com a assignatura, laboreava em erro por suggestões caprichosas de informadores de má fé; e que agora melhor instruido teria summo desejo de retractar-se, mas que o não faz para fugir a desavenças com esses que tal lhe impingiram.

Embora: tal facto já foi desmentido no proprio «Jornal do Porto», e ultimamente no «Bracarense» copiando d'aquelle. Porém como hajam ainda alguns espiritos capciosos que insistam temerariamente em asseverar a veracidade de tal facto, é por isso que eu tomo a iniciativa de apontar a causa motriz de sua já morta empreza, para os incautos não se deixarem illudir, e saberem responder-lhes que os não pódem accreditar em tal asserção. Vejamos:

Houve tempo em que uma musica formada de membros desertores, d'outra que, a par do bom gosto com que tanto suavisa seus ouvintes, é bemquista da boa gente da minha terra pela boa disciplina mantida por seu director quiz dicidir a cacete o que competia á maleabilidade dos labios e destreza nos dedos; terminando assim um espetaculo surprehendente pelo modo *mavioso* como se trocavam peças musicaes entre as duas, embora tão vergonhosas consequencias já fossem previstas por alguem.....

Porém a musica, n'este choque, passiva, denominada do Thomé por ser este o seu digno director, mostrou ahi mais uma vez sua educação e prudencia benemerita de seus membros, oppondo á ferocidade d'aquella (não sei como chamar-lhe porque ainda não se baptisou) um exemplo de consideração para com os espectadores, e a mais bem cabida moderação tornando-se elogiada até pelos seus inimigos partidarios!

Ora como o sr. Martins acompanhasse em seus nobres sentimentos os mais sensatos e a massa do povo, e relatasse n'este Jornal com toda a circumspecção um proceder tão vil e abjecto, esses senhores homens nenhum momento tem perdido para rebaixar aquelle em cujo coração não é outro incentivo, e em cujas acções outro movel, que moralisar de uma maneira bem digna de seu munus. Por isso induziram um senhor d'esta cidade para pintar com vivas cores um facto de mero recreio, cuja narração póde ver-se nos jornaes supracitados feita com todo o reconhecimento e probidade.

Que fé merece um facto desfigurado por homens tão suspeitos? Decerto que nenhuma. E redigido por um anonymo tão distante do acontecimento? Denuncia fraqueza e até conjectura de suborno.

Respectivamente aos empregados de fiscalisar o contrabando, por tal raia lhes aconselho que andaria melhor calando-se; porque, diga-se de passagem, além de um exemplo de corrupção e desmoralisação entre um povo tão simples como o de S. João do Campo, teem cahido em excessos, e ainda ninguem poz em praça suas acções: exerçam dignamente seu officio que para isso se lhes paga.

Pois como accreditar-se um mentido tiroteio de caçadores que, não lhes escapando as proprias perdizes no cortar da athmosphera com suas ligeiras azas, dão fogo para homens e nem ao menos apparece um ferido?! Note-se que a estas horas o snr. Martins Capella estava proximo da sua residencia.

Agora, dignissimo parocho de Carvalheira, sem referirmos factos de vossa vida exemplar poisque conhecemos quanto sois modesto, permitti-me dizer-vos que assim como o sol parece mais radiante depois que se dissipa a nuvem que lhe empanava seu brilho, assim o publico conhece, depois que viu desfeito esse laço em que pertendiam enleiar-vos, que só acções nobres caracterisam vossa pessoa; e digo até—é uma gloria soffrer aleives de homens de tal tempera.

Concluo comprindo um alto dever, qual é manifestar ao ex.^{mo} rvdm.^{o} sr. Arcebispo Primaz os sentimentos de satisfação da freguezia de Carvalheira pela acertadissima escolha do rvdm.^{o} sr. Martins Capella para seu parocho encommendado, pelo que se confessa summamente grata.

E' isto o que a imparcialidade me dicta, e qualquer que consultar Terras de Bouro ouvirá a mesma linguagem bemdizendo o illm.^{o} e rvdm.^{o} sr. Monoel José Martins Capella, e que por isso eu não trepido firmar com meu nome.

Estudante em Braga

A. J. de Barros.

ANNUNCIOS

LIVRARIA CATHOLICA

N'este novo estabelecimento encontra-se um variado sortimento de livros de missa de differentes encadernações, livros de devoções e obras scientificas de muitos escriptores catholicos. Além d'isso tem á venda um variado sortimento de estampas e terços de bonitos gostos, medalhas e muitos outros objectos religiosos.

No mesmo estabelecimento recebem-se commissões de livros que não desdigam do caracter da Livraria.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Catholica, na rua do Souto em Braga.

VENDA DE FOROS

Vendem-se 51 medidas de pão meado, sendo umas de natureza censuaria, e outras de praso, impostas em propriedades, situadas nas freguezias de S. Julião de Passos, Santa Maria de Ferreiros e Martim, pertencentes ao ex.^{mo} José Correia de Mello da Silveira, da casa da Soeima.

Acha-se encarregado d'esta venda João Ferreira Torres, morador na rua de D. Gualdim n.º 20, ou no escriptorio do conselheiro Torres e Almeida, aonde se acha empregado. 57

A' venda na Livraria Catholica rua do Souto, Braga; e na Livraria d'Eugenio Chardron, Braga.

As Flores dos Santos, actas dos santos martyres traduzidas sobre documentos originaes, recolhidos por Santo Ambrosio, Santo Agostinho e outros, com um compendio da historia romana em tudo o que diz respeito á epocha das perseguições e um appendice do panegyrico dos Martyres, por J. B. de S. Victor. Obra publicada com licença do snr. bispo do Porto. 1 vol. 4. grande de 336 paginas . . . 800

A Franc-maçoneria em si mesma e em suas relações com as outras sociedades secretas da Europa, principalmente com o carbonarismo italiano, pelo padre Gyr, 2 vol. 8.º francez . . . . . 1$000

Vida de Jesus Christo por L. Veuillot 1 vol. em 12.º 400

Exercicio de perfeição e doutrina espiritual para extinguir vicios e adquirir virtudes, do padre Affonso Rodrigues da companhia de Jesus, 1 vol. de 520 pag. 200

Bibilotheca da Juventude Christã:
Ignez 1 vol. 12.º 120
Genoveva 1 vol. em 12.º 120
Eustachio 1 vol. em 12.º 120

Os Franc-maçons o que são, o que fazem e o que querem, por Mr. de Ségur, 2.ª edição portugueza, traduzida da 7.ª edição franceza, 1 v. 80

Conferencias pronunciadas na igreja de Jesus em Roma pelo padre Passaglia, 1 vol 160

Direcção para socegar nas suas duvidas as almas timoratas pelo R. Quadrupani, Bernabita, traduzido por João Joaquim d'Almeida Braga. 1 vol. em 12.º . . 80

Tratado dos Sacramentos in genere et specie, disposto na melhor ordem e possivel clareza pelo theologo Antonio d'Assenção Oliveira, 1 vol. em 8.º . . . 500

Obras poeticas de José Agostinho de Macedo, 6 vol. contendo: O oriente—A natureza—A meditação—Newton—Viagem estatica ao templo da sabedoria e a biographia do auctor 6 vol. em 8.º . 1$440.

Devoção das Dores da Virgem Mãe de Deus, pelo Bispo d'Angola, 1 vol. em 12.º 100

Acaba de sahir á luz: Quadrupani, Direcção para viver christãmente, 1 vol. em 12.º . . . . . 80 rs.

Aos ecclesiasticos e a todos os bons christãos

Acaba de sahir à luz: Explicação Litteral e Moral das Epistolas e Evangelhoe dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, com noções liturgicas em que se expõe a razão e as origens das principaes ceremonias da Egreja Catholica, precedida d'uma exposição apologetica dos dogmas da Egeeja, pelo padre A. Guillois, traduzido da 4.ª edição por Antonio Moreira Bello.

Dous volumos in-4.º cada um de 400 paginas . . . . . 1$500

A obra é precedida de uma luminosa exposição apologetica da doutrina catholica e enriquecida nos logares convenientes com extensas reflexões praticas.

E' «um livro muito proprio para edificar as almas e esclarecel-as, pela solidez das explicações, pela utilidade das reflexõ-s praticas, e finalmente pela uncção das orações que encerra,» segundo a opinião do Sr. Bispo de Chartez; livro cuja leitura «é propria para alimentar e esclarecer a piedade», conforme o parecer do Sr. Arcebispo de Bordeus.

Não só recommendamos a sua acquisição aos snrs. ecclesiasticos, a quem será de grande auxilio para as instrucções doutrinaes, mas pedimos-lhes o especial favor de a recommendarem tambem aos seus parochianos.

A obra supra, e todas as do incluso catalogo serão remettidas *franco* sem augmento de preço, a quem enviar a sua importancia em estampilhas de 25 rs. ou em vales do correio.

OBRA MORAL E RELIGIOSA

Philosophia da internacional, por A. Delaporte, versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel.

Preço por assignatura 200 rs.

Vende-se na Livraria Catholica n'esta cidade e no Porto na Livraria do sr. Jacintho A. Pinto da Silva, rua d'Almada.

A EUROPA EM 1848,

OU

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A

ORGANISAÇÃO DO TRABALHO

O COMMUNISMO

E

O CHRISTIANISMO

PELO

P. Gaume

Vigario Geral da Diocese de Nevers, Cavalleiro da Ordem de S. Silvestre, etc, etc.

TRADUCÇÃO

DE

M. de C.

Com — duas palavras de prologo — pelo P. M. J. Pereira.

Acha-se á venda, esta obra, em casa do Editor, Largo de S. Francisco n.º 6, na **Livraria Catholica**, na de Germano Joaquim Barreto, Rua do Souto, e na de E. Chardron, Largo de S. Francisco, Braga.
Preço . . . . . 200 rs.

Congresso Catholico na cidade do Porto

Discursos ali pronunciados pelos snrs:

Padre Brus.	60 réis
Mesquito Pimentel.	60 »
Visconde d'Azevedo.	100 »
Prior de Salreu.	100 »
Todos juntos por.	250 »

Vendem-se em Braga na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

Procurações

Vendem-se na Livraria Catholica.

MUITA ATTENÇÃO

A Fabrica da Fundição do Ouro, na cidade do Porto, é sem duvida a que tem até hoje apresentado melhores apparelhos hydraulicos, *tanto em qualidade, como em preços,* para as grandes e pequenas necessidades d'agricultura; e como prova em parte, offerece ao exame publico, o attestado que abaixo segue, e os apparelhos que se acham collocados no Horto Agricola, e nas propriedades dos ex.^{mos} snrs. doutores Manoel Joaquim Alves Passos e João Barboza de Magalhaens Mendonça, na cidade de Braga.

Porto 5 de Janeiro de 1872.

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

Eu infra assignado proprietario, residente em Abrantes

Certifico que o snr. Luiz Ferreira de Souza Cruz proprietario da fabrica de fundição do Ouro, mandou montar na minha quinta, denominada Valle da Louza, situada no concelho do Sardoal, um *estancarios de patente* com bomba n.º 4, e engenho de 4 e meia voltas com camara d'ar, absorvendo a agua a altura de seis metros e puxando-a a sessenta e seis com a força de uma mula no 1.º mez de trabalho, e actualmente bastando a de um jumento.

Este engenho nada deixa a desejar, funcciona com pouca força, muita facilidade dando-me o melhor resultado, já na quantidade de agua que tira e eleva, e já finalmente em economia, por isso que não demanda as continuadas despezas dos antigos engenhos, é de facil concerto, qualquer desarranjo que soffra.—Para satisfação do snr. Cruz, espontaneamente, passo o presente que assigno.

Abrantes 4 de setembro de 1871.

No lugar do Sello

Francisco Rodrigues de Abreu.

4 de setembro de 1871.

Reconheço ser do proprio a assignatura supra.—Abrantes 4 de setembro de 1871. O Tabellião

José da Silva Roza.

(51)

ANAMNESIA

das Piroetas Liberaes anacas, ou Revista burlesca do anno de 1871, pelo dr. Belford.

A' venda por 100 rs. na Livraria Catholica.

EDITOR

M. J. V. da Rocha.

BRAGA —TYPOGRAPHIA LUSITANA— 1871